

**REVISTA**  
**PORTUGUESA**  
**de HISTÓRIA**

**tomo XXXIV**



**COIMBRA 2000**  
**FACULDADE de LETRAS**  
**da UNIVERSIDADE de COIMBRA**  
**INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL**

*Arquivística e Arquivos Religiosos: contributos para uma reflexão* (Coord. Maria de Lurdes Rosa e Paulo F. Oliveira Fontes), Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2000, 312 p.

Reúnem-se neste livro diversos estudos de especialistas em arquivística religiosa, disponibilizando-se para um público alargado um conjunto de reflexões e de propostas metodológicas do maior interesse no domínio da produção científica e historiográfica sobre a documentação produzida ou arquivada em espaços religiosos desde os tempos medievais até à actualidade. Entre os convidados estrangeiros de que se editam estudos, encontramos os nomes de Brigitte Waché, que nos apresenta o tema “Archives religieuses et recherche historique” (p. 9-52); de Lucille Potvin que escreve o texto intitulado “Contribution pour la définition d’une politique des archives religieuses” (p. 53-98); de D. Francesco Marchisano que nos oferece dois artigos, um em tomo de “El archivo, el archivero y la archivística eclesiástica” (p. 99-114) e outro intitulado “La función pastoral de los archivos eclesiásticos” (p. 115-126), enquanto Fernando de Lasala nos apresenta um texto dedicado a tema diplomático, “Actualidad de la diplomática eclesiástica: importância socio-cultural e histórica de los documentos eclesiásticos” (p. 239-260). Entre os contributos de autores portugueses mencionam-se os trabalhos de José Paulo Leite de Abreu sobre “A Igreja e seus arquivos: historia e normas, até 1983” (p. 127-162), de Pedro Penteado que se debruça sobre “Arquivos de confrarias e irmandades: alguns pressupostos para o sucesso de uma intervenção arquivística” (p. 163-188) e de Maria Olinda Alves Pereira que escreve sobre “O arquivo como reflexo da orgânica e funcionamento das Misericórdias” (p. 189-238). O volume encerra com a apresentação da “Intervenção na mesa-redonda do 2º

Curso de Arquivística Religiosa (Porto, 12-09.98)” por Nuno da Silva Gonçalves e urna útil “Bibliografia geral sobre arquivística religiosa”, devida a Maria de Lurdes Rosa. No plano dos anexos finais, são editados alguns documentos de referência como a “Carta circular A função pastoral dos arquivos eclesiásticos”, o “Plano de trabalho para o desenvolvimento integrado da arquivística religiosa”, o “Programa do I e II Cursos de Arquivística Religiosa” e os “Textos publicados pelo CEHR sobre arquivística religiosa” (p. 281-312).

Conjugam-se nesta obra perspectivas oriundas de diferentes bases de especialização. Predominando o olhar historiográfico, não deixamos de encontrar, também, as perspectivas próprias dos especialistas em Direito Canónico ou mesmo a reflexão eminentemente técnico-arquivística. Além disso, esta obra tem a inegável vantagem propedêutica, informativa e sensibilizadora, especialmente interessante se divulgada junto das elites portuguesas que detêm responsabilidades na gestão e conservação dos arquivos religiosos diocesanos e paroquiais, de misericórdias e de confrarias ou irmandades, de institutos religiosos regulares ou de outros.

Propõem-se, também, linhas de renovação do entendimento corrente por que são tomados arquivos e documentos provenientes de instituições de carácter religioso. O escrever da História, em geral, nomeadamente em Portugal, vive do estudo e análise de *monumenta /documenta* produzidos no seio de *scriptoria*, de chancelarias e escrivatinhas ou oficinas de escrita criadas e geridas no seio da *Igreja*. Em geral, não se faz história medieval em Portugal, na multiplicidade dos seus domínios de investigação, sem recorrer à generosidade dos fundos de mitras, sés e mosteiros depositados na Torre do Tombo ou noutros arquivos regionais portugueses. Não se faz história moderna, mesmo e apesar do triunfo da laicização e do avanço do Estado absoluto, sem recorrer aos pingues fundos de instituições em que se reflectiu a Igreja, seja a Inquisição, sejam as universidades, sejam os tribunais e mesas censórias, sejam as misericórdias e confrarias, sejam as ordens e congregações regulares triunfantes nos séculos XVI a XVIII. Mesmo no campo da história contemporânea, a eleição de temáticas como as do campo das mentalidades, dos comportamentos, do social dificilmente podem evitar a utilização de fontes oriundas de espaços religioso-filantrópicos. Mas a imensa maioria das propostas analíticas dos investigadores, contudo, não se atém ao conhecimento dessas fontes de um ponto de vista de uma história religiosa, ignorando-a frequentemente ou silenciando-a de todo.

Aquilo que os historiadores procuram no documento de fundos institucionais religiosos é mais uma informação exterior do que um conteúdo. De algum modo, as páginas deste livro levam-nos a reflectir sobre a imanência do religioso na superfície do documento, sobre a importância e o carácter, verdadeiramente imprescindível, dos fundos arquivísticos de ordens e institutos religiosos para o fazer da História de todos os dias.

Cumprirá reconhecer, por outro lado, que a evolução das práticas arquivísticas muito deve ao mundo eclesiástico. A história da arquivística, efectivamente, não se cansa de elucidar o contributo dos intelectuais eclesiásticos neste campo da preservação e salvaguarda do documento histórico. Entre nós, bastará a leitura de algumas páginas do venerando João Pedro Ribeiro sobre os arquivos de alguns mosteiros beneditinos do Norte do País, para nos apercebermos desse fenómeno. Hoje em dia, contudo, e este livro espelha bem esta nova realidade, os princípios neutros e universais da arquivística são assimiláveis pelo discurso historiográfico-religioso. Se ontem a história religiosa fazia a história geral, hoje em dia parece ter-se chegado ao ponto inverso, em que é a história geral, na sua estrutura epistémica multidisciplinar, que passa pelo religioso, dando-lhe um renovado sopro de vida que se pode atestar facilmente pela importância das ofertas editoriais neste domínio, o que não pode deixar de significar a existência de um vasto público interessado por este género de temáticas.

**SAÚL GOMES**